

Seu Maroto

O nosso amigo passou por cá na outra noite. Ele e aquela namorada horrível tinham finalmente acabado. Era o terceiro rompimento com aquela namorada em particular, mas ele sublinhou que desta vez era a sério. Andando para trás e para diante na cozinha, referiu os dez mil pequenos sofrimentos e humilhações daquela relação de seis meses; nós manifestámos apoio e carinho, mostrámos preocupação e retorcemos a cara em expressões compreensivas. Quando foi à casa de banho para se acalmar, caímos um contra o outro, revirando os olhos e fingindo que apertávamos o pescoço ou dávamos tiros na cabeça. Um de nós comentou que ouvir o nosso amigo queixar-se dos pormenores da separação era como ouvir um alcoólico choramingar por estar com ressaca: sim, o sofrimento era a sério, mas, por amor de Deus, era difícil mostrar compreensão a alguém tão tapado em relação às causas dos seus próprios problemas. Perguntámo-nos por quanto tempo mais continuaria o nosso amigo a sair com pessoas horríveis, fingindo-se depois surpreendido quando estas o tratavam mal e porcamente. Depois de ele sair da casa de banho, preparámos-lhe a quarta bebida da noite e dissemos que estava demasiado bêbedo para conduzir até casa, mas seria bem-vindo se quisesse dormir no sofá.

Nessa noite, já na cama, falámos sobre o nosso amigo. Queixámo-nos do facto de o nosso apartamento ser demasiado pequeno e de não podermos fazer sexo sem ele ouvir. Se calhar é melhor fazermos na mesma, declarámos — seria o mais perto que

ele estaria de sexo em meses. (Recusar sexo fora uma das estratégias a que a namorada horrível tinha recorrido para o manipular.) Podia ser que gostasse.

Na manhã seguinte, quando nos levantámos para ir trabalhar, o nosso amigo continuava a dormir, com a camisa desabotoada até meio. Estava rodeado de latas de cerveja deformadas e tinha claramente continuado a beber durante muito mais tempo depois de nos termos deitado. Parecia tão patético, ali deitado, que nos sentimos mal por termos feito piadas tão cruéis à custa dele na noite anterior. Fizemos café a mais e oferecemos-lhe o pequeno-almoço, acrescentando que podia ficar no nosso apartamento durante o tempo que quisesse. Ainda assim, quando chegámos a casa, ficámos surpreendidos quando o encontrámos no sofá.

Obrigámo-lo a levantar-se e a tomar um duche, depois saímos com ele para jantar; não o deixámos falar da separação durante a refeição. Em vez disso, fomos encantadores. Rimo-nos de todas as piadas que fez, mandámos vir uma segunda garrafa de vinho e demos-lhe conselhos para a vida. Mereces alguém que te faça feliz, dissemos. Uma relação saudável com alguém que te ame, continuámos, olhando um para o outro com ar de entendidos antes de concentrarmos nele toda a atenção. Parecia um cachorrinho triste, desejoso de amizade e elogios; foi um prazer vê-lo engolir aquilo tudo; tivemos vontade de lhe dar palmadinhas na cabeça macia, de o coçar atrás das orelhas e de o ver saracotear-se.

Depois de sairmos do restaurante, estávamos tão bem-dispostos, que convidámos o nosso amigo para o apartamento. Quando chegámos, ele perguntou se podia passar ali mais uma noite; quando pressionado, reconheceu que não lhe apetecia ficar sozinho na sua própria casa, porque o apartamento lhe lembrava a namorada horrível. Dissemos: claro, podes ficar o tempo que quiseres, temos um sofá-cama, é para isso que serve. Sem ele ver, no entanto, trocámos um olhar, porque, apesar de o querermos ajudar, não íamos aguentar uma segunda noite sem sexo — para começar, estávamos bêbedos; além disso, sentíamos alguma vontade por toda a noite nos termos comportado de modo tão encantador. Portanto, fomos para a cama; e é possível que até o modo como

lhe dissemos boa-noite tenha tornado claro que íamos foder. No início, tentámos não fazer muito barulho, mas rapidamente ficámos com a sensação de que os nossos esforços para nos contermos, juntamente com as gargalhadinhas com que mandávamos o outro calar-se, provavelmente chamavam mais atenção para o que estávamos a fazer do que se o fizéssemos simplesmente, portanto fizemos o que queríamos e tivemos de admitir que a ideia de o ter lá fora, a ouvir-nos no escuro, até nos agradava.

Na manhã seguinte, sentimo-nos ligeiramente envergonhados, mas comentámos um com o outro: olha, se calhar foi suficiente para o expulsar do ninho e o obrigar voltar a casa, talvez até o tenha motivado a arranjar uma namorada disponível para dormir com ele mais do que de dois em dois meses. Nessa tarde, no entanto, enviou-nos uma mensagem a perguntar o que fazíamos de noite. Rapidamente começou a passar em nossa casa a maioria das noites da semana.

Dávamos-lhe de jantar e depois saíamos os três de carro, nós os dois à frente, ele sempre atrás. Na brincadeira, comentámos que devíamos dar-lhe uma mesada e atribuir-lhe tarefas; dissemos que devíamos renegociar os contratos de telefone para o incluirmos no plano familiar, tendo em conta o tempo que passávamos juntos. Além disso, acrescentámos, assim poderíamos vigiá-lo melhor e impedi-lo de mandar mensagens à ex-namorada horrível; isto porque, apesar de terem acabado, mantinham o contacto e ele estava sempre ao telefone com ela. Prometia parar com aquilo, jurava que sabia que não era bom para ele, mas depois sofria uma recaída e voltava a enviar-lhe mensagens. Em geral, no entanto, gostávamos de passar tempo com ele. Agradava-nos mostrar preocupação, tomar conta dele e ralhar-lhe quando fazia coisas irresponsáveis, como enviar mensagens à ex-namorada horrível ou faltar ao trabalho por se ter deitado demasiado tarde na noite anterior.

Continuámos a fazer sexo, apesar de ele estar no apartamento. Aliás, foi o melhor sexo que alguma vez fizemos. Tornou-se o elemento essencial da fantasia que partilhávamos, imaginando-o do outro lado, com o ouvido colado à parede, todo agitado, cheio

de ciúmes, excitação e vergonha. Não sabíamos se isto era verdade — é possível que tapasse a cabeça com uma almofada e tentasse ignorar-nos; talvez o isolamento sonoro das paredes fosse melhor do que pensávamos —, mas, entre nós, fingíamos, desafiando-nos mutuamente a sair do quarto ainda corados e ofegantes, para beber um copo de água gelada e ver se ele estava acordado. Se estivesse (estava sempre), trocávamos comentários casuais com ele e voltávamos depressa para a cama, para nos rirmos daquilo e voltarmos a foder, desta segunda vez com urgência ainda maior.

Ficávamos tão excitados com este jogo, que começámos a subir a parada, saindo meio despidos ou embrulhados em toalhas, deixando a porta ligeiramente entreaberta ou um pouco mais do que entreaberta. Na manhã a seguir a uma noite particularmente ruidosa, provocávamo-lo, perguntando-lhe com que tinha sonhado ou se tinha dormido bem; ele olhava para o chão e respondia: não me lembro.

A ideia de ele desejar juntar-se a nós na cama não passava de uma fantasia; estranhamente, no entanto, algum tempo depois começámos a sentir-nos um pouco aborrecidos com o nosso amigo por se comportar de modo tão reservado. Sabíamos que, para alguma coisa acontecer, teríamos de ser nós a dar o primeiro passo. Em primeiro lugar, tínhamos superioridade numérica; em segundo, o apartamento era nosso; em terceiro, era assim que as coisas funcionavam entre nós: nós mandávamos, ele obedecia. Ainda assim, dávamo-nos ao luxo de o irritarmos, de implicarmos um pouco com ele, de o responsabilizarmos pelos nossos desejos frustrados, arreliando-o com mais crueldade do que antes.

Quando arranjas outra namorada?, perguntámos. Meu Deus, já passou tanto tempo, deves estar a ficar maluco. Não te masturbas no nosso sofá, pois não? Não faças isso. Antes de irmos para a cama, ficávamos de pé à frente dele, de braços cruzados, como se estivéssemos zangados, e dizíamos: porta-te bem, gostamos deste sofá, não queremos encontrar nódoas amanhã de manhã. Chegámos mesmo a fazer alusões indiretas a este tópico em frente de outras pessoas, raparigas bonitas. Não te esqueças de lhe contar

do sofá e de como gostas dele. Gostas, não gostas? Ele contorcia-se, dizia que sim com a cabeça e respondia: pois gosto.

Certa noite, quando já estávamos os três mesmo muito bêbedos, nós dois insistimos ainda mais nesta brincadeira, querendo que ele admitisse: anda lá, fazes sempre isso, não é?, ficas maluco quando nos ouves, seu pervertido, achas que não sabemos? Depois ficámos horrorizados por um segundo, porque pela primeira vez dissemos em voz alta que sabíamos que ele nos ouvia — um segredo que não queríamos deixar escapar. Ainda assim, ele não disse nada, por isso atacámo-lo ainda mais — nós ouvimos-te, dissemos, acenando para ele com as cervejas; ouvimos a respiração pesada e as molas do sofá, se calhar na maioria do tempo estás à porta, a observar-nos; quer dizer, não há problema, não nos importamos, sabemos que estás desesperado, mas, meu Deus, não mintas, por favor. Depois rimo-nos — demasiado ruidosamente — e bebemos mais uma rodada de *shots*. A seguir começou uma nova brincadeira — a ideia era que, tendo em conta que ele já nos tinha visto dezenas de vezes, o mais justo seria ele deixar-nos ver também. Tinha de nos mostrar o que fazia no sofá, no *nosso* sofá, quando não estávamos presentes. Durante o que pareceram horas, troçámos dele, provocámo-lo e arreliámo-lo; ele mostrou-se cada vez mais incomodado, mas não se foi embora, continuou colado ao sofá; quando finalmente começou a desapertar o fecho das calças de ganga, sentimos uma adrenalina incomparável. Ficámos a vê-lo até já não aguentarmos mais; depois fomos para o quarto aos tropeções e fizemos sexo com a porta aberta, mas dessa primeira vez não o convidámos a aproximar-se; queríamos que ele nos observasse de fora — para dentro.

Na manhã seguinte não nos sentimos à vontade, mas resolvemos a situação alegando que na noite anterior estávamos muito bêbedos, meu Deus, podres de bêbedos. Ele saiu depois do pequeno-almoço e não apareceu durante três dias; na quarta noite, no entanto, enviámos-lhe uma mensagem e fomos os três ao cinema; na quinta noite apareceu por iniciativa própria. Não mencionámos a brincadeira nem o que tinha acontecido entre nós, mas o simples facto de estarmos a beber juntos, sozinhos, parecia querer dizer que, por acordo mútuo, voltaria a acontecer. Bebemos a sé-